

4º DOMINGO NA QUARESMA

15 DE MARÇO DE 2026

JOÃO 9.1-41

1 TEXTOS DO DIA

1.1 Salmo 142

O Salmo do dia é uma oração de Davi. O provável contexto é de 1 Samuel 22.1, quando ele se escondeu na caverna de Adulão, na ocasião em que estava sendo perseguido pelo rei Saul (cf. Salmo 57).

Com o espírito esmorecido, Davi dá indícios de exaustão devido à fuga. Ele se sente abandonado, está impotente e cercado por aqueles que o perseguem. Davi reconhece que, por suas próprias forças, não poderia fazer mais nada que o livrasse daquela situação. Ele via o seu fim. Porém, ainda que estivesse nesse cenário, ele coloca sua vida nas mãos de Deus, o SENHOR, o único que poderia livrá-lo de tão grande tormento e perseguição.

Deus atendeu o seu clamor e inclusive enviou para junto dele todos os seus irmãos, a família de seu pai e tantos outros homens em dificuldade, de modo que vieram a estar com ele cerca de 400 homens.

Vale destacar que, em alguns contextos, as cavernas são tidas como símbolo de escuridão e trevas. No entanto, mesmo estando na caverna, o SENHOR Deus o vê, é refúgio protetor e age para trazer paz.

Além das aplicações para a vida cristã, um bom exercício é reconhecer a atividade messiânica de Jesus Cristo por meio desse salmo. Enquanto estava envolvido na realização da sua obra redentora, também chegou o momento em que não houve quem

o reconhecesse, tão desfigurado ele foi por causa do castigo que nos traz a paz. Ele também foi perseguido, maltratado e humilhado. Ele foi morto e sepultado, levado para dentro de uma “caverna” (seu túmulo). Contudo, foi ressuscitado ao terceiro dia e resplandeceu a sua luz na região da sombra da morte a fim de trazer vida e refrigério a todos os que nele creem.

1.2 Isaías 42.14-21

A leitura do Antigo Testamento é de Isaías e a moldura maior da perícope é o anúncio, a promessa do Servo do SENHOR. Temos aqui a continuação do primeiro Cântico do Servo. É um texto faz uma conexão direta com o evangelho do dia.

O trecho em questão nos apresenta Deus repreendendo Israel devido à sua idolatria. O povo de Israel se afastou do caminho do SENHOR, está espiritualmente cego e perdido na escuridão das trevas. Israel não ouve, nem vê o ensinamento e a promessa do SENHOR. Ao mesmo tempo, a promessa do envio deste Servo mostra a misericórdia do SENHOR que fará todas essas coisas e nunca abandonará o seu povo (v.16).

1.3 Efésios 5.8-14

Em meio a uma série de leituras de Romanos para este tempo na Quaresma na Trienal A, Efésios ganha espaço para este dia. Mesmo assim, as exortações do apóstolo Paulo se alinham bem com a sua epístola aos Romanos – especialmente considerando o capítulo 6.

Sobre o pilar estabelecido em Efésios 2, esta perícope concentra-se na parte parenética de Efésios - momento em que o apóstolo Paulo aplica os princípios do evangelho à vida cristã. Aqui o apóstolo estabelece um contraste entre o passado (sem Cristo) e o presente (em Cristo). “Vocês eram trevas”, essa era a verdade. Não era apenas estar dentro, ser participante ou estar envolvido. Era algo da essência, ser trevas/escuridão. Agora, porém, eles “são luz no Senhor”, portanto, segue a exortação:

“vivam como filhos da luz”. Ou seja, não se juntem, “não sejam cúmplices das obras infrutíferas das trevas”. Essa é uma admoestação importante para um povo que fora regenerado pelo Senhor Jesus, mas que ainda vive no mundo, especialmente numa cidade e contexto extremamente idólatras, sincréticos e recheados de imoralidade sexual.

Paulo nos lembra que Cristo não nos redimiui a fim de permanecermos apegados às trevas e suas obras infrutíferas (vazias). Agora que veio a fé, fomos regenerados para viver e produzir fruto agradável ao Senhor. Convém agora viver de acordo com a luz de tal modo que as obras das trevas devem ser reprovadas (ou “expostas à luz”).

Assim, viver como filho da luz implica em um relacionamento contínuo com o Salvador Jesus. É viver o perdão. É reconhecer que não temos luz própria, mas que somos luz no Senhor. É ele, Jesus, que vive em nós. É a sua luz que resplandece por meio dos filhos da luz.

Quanto à citação no versículo 14, não é propriamente uma menção integral de outro texto bíblico. Ela reflete textos de Isaías. Estudiosos argumentam que a fonte possa ser um hino batismal (cf. nota Bíblia da Reforma) ou ainda um hino que celebra a ressurreição de Cristo. Outros também sugerem que possa ser uma profecia que chama a Igreja a anunciar a luz do evangelho.

A Quaresma nos proporciona uma nova oportunidade de continuar escutando o Filho de Deus, a fim de sermos despertados da morte para a vida diariamente, por meio da morte e ressurreição daquele a quem fomos unidos em nosso Batismo.

1.4 João 9.1-41

No 4º domingo na Quaresma, o lecionário sugere que a leitura do capítulo 9 de João seja feita por inteiro ou em partes. Por mais desafiador que pareça, gostaria de encorajá-lo a ler todo o capítulo. Mesmo que você decida concentrar sua pregação em um aspecto específico, ouvir o texto e o contexto como um todo nunca é demais.

A narrativa do evangelho concentra um capítulo inteiro em um milagre e seus desdobramentos. Enquanto caminhava, Jesus viu um cego de nascença. Sua cura é mais um sinal de que ele é o Servo enviado por Deus para fazer os surdos ouvirem, os coxos andarem e os cegos verem. Sendo Jesus a “luz do mundo”, ele faz mais do que apenas curar a cegueira física. Ele também atua para dissipar a cegueira espiritual na humanidade. A ação divina encontra a incredulidade, a dureza de coração e a perseguição. Jesus e seu ato divino são questionados. No entanto, olhos foram abertos, e alguém foi levado à fé e à confissão: “Eu creio, Senhor!”

2 DESTAQUES EM JOÃO 9.1-41

Jesus está em sua terceira viagem para Jerusalém e, no momento, ele estava caminhando fora da área interna do Templo (Jo 8.59). Durante essa caminhada, o Salvador Jesus viu (εἶδεν) “um homem que era cego desde o nascimento”. Novamente, Jesus vai ao encontro de gente caída, de gente que está aos olhos de Jesus, de gente que precisa do perdão, que precisa da luz!

Enquanto se aproximava do homem, surge uma questão por parte dos discípulos de Jesus. Suas mentes conjecturam que aquele homem pudesse estar assim por causa de um ato definido (específico) de pecado (ἥμαρτεν) dele ou de seus pais, pelo qual estivesse recebendo a cegueira como um castigo desde o nascimento. É uma ideia de consequência/castigo por causa de pecados, semelhante ao que temos registrado em Lucas 13.1-5.

É bem verdade que pecados carregam consigo resultados dolorosos. E todo sofrimento neste mundo é, em última análise, resultado do pecado. Mas Deus continua sendo soberano. Ele reina com misericórdia. Ele também pode decidir agir por meio do sofrimento e apesar dele. No caso em questão, Jesus não entra em longas explicações, porém corrige e deixa claro que não se trata de algum castigo. Há, na verdade, um propósito (ἵνα) definido para aquela situação: *“para que nele sejam manifestadas*

(*tornadas conhecidas*) publicamente as obras de Deus” (9.3); e isso irá acontecer muito em breve (φανερωθῇ).

Jesus ensina ainda que há muito trabalho para ser feito. Há urgência. Muitos ainda estão envolvidos nas trevas, sob o poder e domínio da escuridão. Por isso, “é necessário” (δεῖ) e “devemos fazer as obras daquele” que o enviou (v.4) - os discípulos estão incluídos neste trabalho. Portanto, é preciso aproveitar o “tempo” enquanto é dia, “pois está chegando a noite, quando ninguém pode trabalhar”. Hoje é o dia para isso. Hoje é o tempo de graça.

Na sequência, Jesus retoma o que já disse em João 8.12: “Eu Sou a luz do mundo”. De fato, o Servo do SENHOR é “luz para os gentios” (Isaías 42.6). Essa luz não é estática, mas performática e ela será manifestada por meio de um milagre que curiosamente usa elementos da criação. Aos padrões ocidentais, esse milagre pode não soar tão higiênico, no entanto, a Bíblia da Reforma nos lembra que em tempos antigos pensava-se até que a saliva tinha capacidades curativas.

Jesus cuspiu na terra, fez lama e a aplicou sobre as pálpebras do homem que era cego. Tudo isso em um sábado. Então, Jesus manda o homem se lavar no tanque de Siloé, “que quer dizer Enviado” (v.7). Assim o homem fez, lavou o rosto e voltou vendo (v.8).

Três coisas importantes podem ser ressaltadas sobre o parágrafo anterior. Primeiro, note a presença e a ação daquele por meio de quem todas as coisas foram criadas e estão agora sendo recriadas (cf. Cl 2.13-23). Em segundo, o pastor luterano e Dr. Arthur Just Jr. destaca a forte linguagem batismal desse milagre. De acordo com ele, temos lama, uma unção e a indicação do lavar; e esse trio aparece repetidas vezes dentro do texto. Em Terceiro, o também pastor luterano e Dr. Richard C. H. Lenski argumenta que uma tradução adequada para o significado do nome Siloé vai além de apenas “Enviado”. Analisando o termo Ἀπεσταλμένος (particípio, perfeito), ele sugere: “Aquele que tendo sido enviado” - a NTLH se aproxima desta tradução. Em resumo, poderíamos dizer que Jesus não envia aquele homem ao tanque sem motivo.

A partir de agora, João nos registra toda a movimentação causada por esse milagre, afinal, era um milagre sem precedentes. Salta aos olhos a quantidade de questionamentos que envolvem o texto até o final. O impacto é tão grande que o homem

que antes tinha sido cego não é nem mais reconhecido pelos seus vizinhos (v.8-12). Antes eles só enxergavam um cego e mendigo, agora eles têm à sua frente um homem que pode ver.

O alvoroço os leva, ou como sugerem alguns, alcança os ouvidos dos fariseus. Inicia-se agora um interrogatório (v.15). O testemunho daquele homem faz os fariseus suspirarem, pois aparece o dilema do “sábado”, já que fazer lama e curar alguém que não estivesse em estado crítico era algo proibido nesse dia.

No entanto, os fariseus ficaram divididos entre si. Um grupo questiona a pessoa de Jesus, devido à guarda do dia santo. O outro questiona a realidade do milagre. O impasse permanece de tal modo que eles ainda querem ouvir mais sobre o que o homem - que antes era cego – tem a dizer a respeito de Jesus. Sua resposta é curta: “é um profeta” (v.17).

O cenário é ampliado e o evangelista João menciona que também os “judeus” não estavam acreditando no milagre. A descrença é tanta que os pais do homem precisam ser chamados e juntamente interrogados. Ao serem questionados, os pais confirmam que o filho era cego desde que nasceu, mas aparentemente eles não sabem responder muito mais do que aquilo que já era do conhecimento dos fariseus e dos judeus. Eles indicam que o filho pode falar por si mesmo, porque ele já tinha idade para isso.

A sequência do texto nos indica que sua resposta foi assim por causa do medo de uma possível espécie de “excomunhão” imposta pelos líderes religiosos sobre todos os que ousassem confessar que Jesus era o Cristo – “o Messias” (v.22). Essa “excomunhão” era tida como uma apostasia, podendo alterar o *status* da pessoa para um pagão ou gentio e poderia ainda trazer sérias consequências civis e sociais.

Pela segunda vez, o homem que antes tinha sido cego foi interrogado. Os fariseus e judeus são agora ainda mais incisivos a ponto de dizerem: “*Dê glória a Deus! Nós sabemos que esse homem é pecador*” – uma referência a Jesus (v.24). Lenski explica que os inquisidores fizeram aqui uma “adjuração” – eles intimidam o homem para que concorde e sele como verdade a conclusão proposta por eles mesmos. No entanto, o homem se esquivava de concordar e enfaticamente testemunha o fato: “eu era cego e agora vejo” (v.25) – essa afirmação se torna quase um refrão dentro do texto.

Sem saberem por onde seguir na argumentação, os inquisidores retornam ao início do interrogatório. Todavia, eles são surpreendidos pelo homem que retruca e, ao invés de apenas responder, passa a fazer questionamentos. Sua pergunta é, no entanto, recebida como uma grande afronta pelos mestres da lei.

Obviamente, eles não se veem como discípulos de Jesus. Eles têm Moisés, a quem dizem conhecer e seguir pelos desígnios de Deus. Essa resposta torna o enredo realmente estranho para o homem. E, de fato, é, afinal não falou o próprio Moisés a respeito de um profeta maior do que ele, a quem o povo deveria ouvir? (Cf. Dt 18.15).

Diante disso, ainda que sob os impulsos de uma meia-verdade, quem sabe corroborada pelos fariseus, o homem que tinha sido cego aplica uma dura pregação de lei aos fariseus e judeus. Ele não afirma diretamente a divindade do Filho, mas usa uma condicional que reconhece que este homem chamado “Jesus” só pode ser alguém enviado da parte de Deus.

Levados pela incredulidade, pela dureza de coração e pela soberba de se acharem acima de toda e qualquer admoestação, os fariseus e judeus repudiam essa ousadia e expulsam o homem, acusando-o de ter “nascido cheio (inteiramente) de pecados” (v.34). O plural de ἁμαρτίας nos permite concluir que esses interlocutores coadunam com o mesmo pensamento dos discípulos de Jesus lá no início.

O momento seguinte reserva um novo encontro de Jesus com aquele homem. Agora chega a vez do Senhor Jesus lhe fazer uma pergunta: “Você crê (πιστεύεις) no Filho do Homem?” (v.35). A pergunta de Jesus serve a um propósito maior. Antes, o Salvador Jesus havia curado a cegueira física daquele homem, agora ele estava abrindo os seus “olhos da fé” – ele visa operar nele a fé salvadora. Jesus se revela como aquele que já estava sendo visto e ouvido. Nesse momento, ecoa a confissão. Ver (ἑώρακα) e ouvir a Palavra de Jesus (λαλῶν) mudaram para sempre as coisas na vida daquele homem. Agora, ele - que tinha sido cego - sabe e crê que Jesus era mais do que apenas “aquele homem” e “um profeta”. Ele foi levado à fé nesse Jesus, o Filho do Homem, enviado da parte de Deus (v.33), que se torna também o seu “Senhor” (v.38).

Os versículos finais trazem um trocadilho de palavras para o momento em que os fariseus aparecem em cena novamente. Os seus corações, dominados pelas trevas, são

martelados pelo anúncio de um veredito de juízo - de julgamento (κρίμα). Assim como em outro tempo, o de Jeremias, Deus já havia chamado o povo de Israel e Judá ao arrependimento, dizendo: “Ouçam isto, vocês, povo tolo e insensato, que têm olhos, mas não veem, que têm ouvidos, mas não ouvem” (Jeremias 5.21). Todavia, novamente houveram aqueles que “endureceram o rosto mais do que uma rocha e recusaram arrepender-se.” (Jeremias 5.3).

A afirmação final de Jesus deixa o entendimento de que seria melhor não ver, ser cego, do que ver e não reconhecer e não crer no Filho de Deus. Pois, aqueles que não reconhecem a sua situação, a sua nulidade, a necessidade do Salvador Jesus e o rejeitam, estão rejeitando a luz e permanecem nas trevas. E permanecer implica não só em “estar dentro”, mas de serem dominados, guiados e orientados pelas trevas. Eis aí um caminho de morte, pois, sobre os que não creem no Filho de Deus, permanece o pecado, a ausência de perdão e consequentemente, a ira de Deus sob o pecado.

3 COMENTÁRIOS E SUGESTÕES PARA A HOMILIA

O texto do evangelho de João 1.1-41 permite a abordagem de diferentes temas, mas tendo em vista o período na quaresma, gostaria de trazer aqui duas sugestões para a pregação.

A primeira delas se concentra em um objetivo que focaliza a fé, a dependência da ação salvífica de Deus e a adoração pela sua misericórdia. A ideia segue uma estrutura clássica para o texto narrativo, através da qual podemos refletir sobre verdades acerca de quem é o ser humano, ou seja, quem nós somos, quem Deus é e o que ele realiza e executa em nosso favor.

Em se tratando do ser humano, o texto nos evidencia que o pecado traz as suas consequências para a vida. A cegueira física é, no entanto, apenas uma parte deste dano severo. A Escritura nos afirma que nós somos pecadores desde que fomos concebidos – de nascença (Sl 51.5). Além de problemas para o corpo e a vida, o dano maior do pecado

é a separação de Deus, pois ele nos afasta daquele que nos criou. “Éramos trevas” (Ef 5.8.) e merecedores da eterna condenação. E, por causa do pecado, somos também espiritualmente cegos, incapazes de contornar essa situação por força ou vontade própria. E, igualmente, muitas vezes também temos dificuldade em ver e ouvir sobre quem verdadeiramente éramos ou somos e do que, ou melhor, de quem precisamos.

O pecado também não permite que reconheçamos, pelos nossos olhos pecaminosos, as obras divinas do Pai através de seu Filho Jesus Cristo. Os fariseus, por exemplo, lutaram não só contra quem Jesus é, mas também foram relutantes em relação à sua obra – aquele milagre sem precedentes. E assim como profetizado por Isaías, também cabem a nós as palavras: “Você vê muitas coisas, mas não as observa; ainda que tenha os ouvidos abertos, não ouve nada.” (Is 42.20).

Não bastasse isso, Satanás continua tentando nos arrastar para uma vida guiada e orientada pelas trevas, pela nossa velha natureza pecaminosa (“que é treva”). Ele continua querendo nos afastar da luz e levar para a escuridão. Ele semeia a mentira e impõe questionamentos para promover a dúvida a fim de nos deixar cegos pelo que nos faz ver, surdos e mudos pelo que nos faz ouvir.

No meio de tudo isso, o SENHOR Deus continua mostrando a sua essência misericordiosa. O Verbo eterno se encarna e caminha entre os pecadores. Ele se aproxima e toca gente perdida na escuridão do pecado e na escuridão dos problemas da vida. Deus continua sendo o “Nosso refúgio” (Sl 142.5), Aquele que vem ao nosso encontro e nos tira das trevas para a sua maravilhosa luz (Jo 9.5), bem como torna-se para nós um caminho por onde andar (Sl 142.3).

Diferente da ação do homem pecador e das hostes infernais, Deus se revela em Cristo não como uma questão que gera dúvida e dissimulação. Pelo contrário, ele é a própria “luz do mundo”. Suas palavras são espírito e vida. Ele mostra quem somos e a sua luz tornará visível o juízo e a justiça de Deus – essa é a obra do Espírito Santo (cf. Jo 16.8). Esses elementos estão presentes no texto: na rejeição dos que têm olhos e não veem, na fé dos que eram cegos e foram enlaçados pelo amor divino.

Na lição de hoje, o Senhor Jesus encontra um homem que tinha sido cego desde o seu nascimento e nele manifesta as obras do Pai, a glória divina (Jo 9.3). Ele vem para

fazer os cegos verem, os surdos ouvirem, os mudos falarem. Ele abre os nossos olhos e põe em nossos lábios um cântico novo para a confissão dos nossos pecados, para o arrependimento, para o perdão. Por isso se diz: “Tu és a fonte da vida, e, por causa da tua luz, nós vemos a luz.” (Salmo 36.9 – O Verso do Dia).

Ainda quanto a nós, é verdade que também estávamos em uma grande caverna, em um profundo abismo – “éramos trevas”. E Deus veio a nós (assim como ao cego de nascença). Não fizemos nada! Ele fez! Apesar de merecermos somente punição, ele nos recebeu como seus filhos em Cristo Jesus, e atende todas as nossas necessidades, do corpo e da alma (cf. A Coleta do Dia). Tal dádiva é acrescentada sobre nós quando somos revestidos pela justiça daquele que nos amou, tendo sido unidos em sua morte e ressurreição (batismo). Aliás, é isso o que dá ou aproveita o batismo, porque Cristo enfrentou a escuridão e as trevas por nós, em nosso lugar (cf. Lc 22.53) e trouxe-nos a vitória através de sua cruz. E, agora, neste ato divino do batismo ele *“remiu a mim, homem perdido e condenado, me resgatou e salvou de todos os pecados, da morte e do poder do diabo”* – como explica Lutero no Catecismo Menor. E é também por meio de Jesus e ao redor dele, que os justos serão rodeados na Jerusalém celeste. “Naquele dia, os surdos ouvirão as palavras do livro, e os cegos, livres da escuridão e das trevas, as verão.” (Isaías 29.18; cf. Is 35.5)

Enquanto isso não se torna plenamente diário para todos nesta nova Jerusalém, somos colocados naquele caminho que chega e circunda o altar. Ali está a luz! Presente, real e verdadeiro no corpo e sangue dado e derramado por nós, para a remissão dos nossos pecados; para mais uma vez nos retirar da escuridão dos nossos pecados para a sua maravilhosa luz.

Uma segunda sugestão para a pregação concentra-se num objetivo que cultiva a vida cristã orientada pela Luz do Senhor, a consagração e o amor fraternal.

Se notarmos bem, depois do episódio da tentação de Jesus, ele passa a ir ao encontro de algumas pessoas: um fariseu e mestre da lei (Nicodemos), uma mulher gentia e impura (a mulher samaritana) e hoje, um homem que estava mendigando e era cego de nascença – e na semana seguinte ele vai se encontrar com Lázaro, o morto que foi ressuscitado.

“Quem é o que estamos vendo?”, talvez essa pergunta possa guiar a nossa reflexão junto à congregação. Quando olhamos para o texto de João 9.1-41, muita coisa é vista. Os discípulos veem um problema, pecado e punição. Os fariseus veem a quebra da lei, veem um pecador de nascença. Os vizinhos...esses estão confusos e incrédulos; nem mais se lembram de quem era o homem, só se lembravam que homem era aquele que “estava mendigando e era cego”. Outros nem acreditam que é a mesma pessoa. E ainda temos os pais daquele homem, que veem o medo da ira dos mestres da lei. Pouco se vê sobre a misericórdia divina em ação, alcançando pessoas, trazendo-as das trevas para a sua luz.

Quem sabe o desafio possa ser despertar os membros de nossa congregação pela pregação da cruz, pela misericórdia de Deus em Cristo. Afinal, o pecado ofusca a nossa visão, não nos permite ver Deus, nem permite que vejamos e reconheçamos quem nós somos e não permite que vejamos quem o próximo é. Como enxergamos e o que enxergamos naquela pessoa que adentra ao templo pela primeira vez, naquele irmão afastado, naquele líder isolado, naquele jovem incompreendido, naquele idoso afadigado? Muitas vezes, o pecado nos faz ter “olhos das trevas” para estabelecer julgamentos que não levam em consideração que ali há alguém que também é alvo da misericórdia divina.

E assim como nós somos vistos através do Cristo crucificado, Cristo nos faz olhar para a sua cruz a fim de que vejamos no próximo mais do que problemas, atributos ou qualificações ruins. Somos chamados a ver por meio – ou com as lentes – da misericórdia divina. Cristo nos faz viver e caminhar na luz, ele nos faz ver que estamos unidos em um só corpo.

Jesus Cristo vê naquele cego de nascença alguém que precisava ser alcançado pela graça de Deus. Alguém que precisava ter os olhos e os ouvidos abertos pelo e para o evangelho. Alguém que precisava ouvir a respeito do “Filho do Homem” – título que nos remete ao Servo do SENHOR, o qual tomou sobre si as nossas dores e enfermidades (Is 53; Mt 20.28), bem como àquele que fora exaltado e cujo reinado é eterno (Dn 7.13-14; Mt 24.30).

São muitos aqueles que ainda não estão sendo vistos e que também precisam ouvir que é por meio dele – aquele homem chamado Jesus - que Deus também “nos libertou do poder das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado, em quem temos a redenção, a remissão dos pecados.” (Cl 2.13-14).

Rev. Edivan Eberte

Joinville-SC